

NOVOS HORIZONTES

UISG BOLETÍN

NÚMERO 156, 2014

APRESENTAÇÃO	2
UM ATO DE PALAVRAS A SEREM RENOVADAS: A VIDA RELIGIOSA	3
<i>P. Jean-Claude Lavigne, O.P.</i>	
FUTURA DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA	12
<i>P. Carlos del Valle, SVD</i>	
O DESAFIO DE SER UMA MULHER RELIGIOSA AFRICANA HOJE	19
<i>Ir Kenyuyfoon Gloria Wirba, TSSF</i>	
A AMIZADE ESPIRITUAL NA PERSPECTIVA DE GANDHI	27
<i>P. Joy Kachappilly</i>	
A VIDA NA UISG	34

APRESENTAÇÃO

Neste boletim, apresentamos a VR como uma opção de vida possível hoje porque para os discípulos de Jesus, segundo as palavras do Papa Francisco “... a verdadeira alegria dos chamados consiste em crer e experimentar que Ele, o Senhor é fiel, e com Ele podemos caminhar, ser discípulos e testemunhas do amor de Deus, abrir o coração para grandes ideais, para coisas grandes.” (**Mensagem da 51ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações, 11 de maio de 2014**).

No primeiro artigo, Vida Religiosa, uma linguagem a ser renovada, **Jean-Claude Lavigne** lembra alguns modos de “falar” (pensar) sobre a vida religiosa; frente às visões negativas, pessimistas e catastróficas, o seu objetivo não é outro senão o de mostrar a vida religiosa como uma opção de vida atraente, feliz... pela qual vale a pena deixar tudo. A questão ainda está em aberto... continuamos sendo o que pensamos e falamos sobre nós mesmos; Somos chamados a viver felizes e a dar testemunho de alegria capaz de contagiar um mundo sem esperança. Palavras de admiração, de sabedoria e de reflexão e, acima de tudo, palavra evangélica, a Palavra de Jesus, doadora de vida, palavra do amigo próximo e presente em nosso cotidiano. Palavra que deve ser comum no coração e nas obras da Vida Religiosa

Carlos Valle revela o surgimento de novos focos na Vida Religiosa na América Latina com a finalidade de “ser testemunhos credíveis”, que se comprometem e respondem aos desafios desta terra. O autor fala do “ser cuidado, do cuidar, e assumir a responsabilidade “ sobre o que acontece a si e aos outros. A Espiritualidade centrada em Cristo e a vida segundo o Evangelho são a base da criatividade e da inovação para viver uma autêntica comunhão e ser um espaço que acolhe, plenifica e renova a Vida Religiosa.

Glória Wirba apresenta a vitalidade da Vida Religiosa feminina na África e os desafios que esta deve enfrentar na especificidade do continente africano: encontrar e afirmar a sua identidade; transmitir o amor de Jesus e defender a vida; formar-se para ser religiosas fiéis permanecendo mulheres africanas; encarnar-se na terra, na cultura, na sociedade africana para ser sinais de esperança entre o povo.

O artigo de **Joy Kachappilly** aborda o tema da amizade entre as religiões. Segundo Gandhi, pessoa aberta e flexível, procuradora inquieta da verdade, através da metáfora da casa – protegida de muros que oferecem segurança e estabilidade, mas com as janelas abertas para deixar entrar os diversos ares culturais que as enriquecem – as religiões geram a fraternidade entre os povos nos seus ideais de fé e de perfeição... Seria necessário aprofundar esses modos de encontro num tempo em que dominam os conflitos, o ódio e a violação da paz em nome de Deus.

UM ATO DE PALAVRAS A SEREM RENOVADAS: A VIDA RELIGIOSA

P. Jean-Claude Lavigne, O.P.

Dominicano, Jean Claude Lavigne, que foi diretor geral do « Economia e Humanismo », é atualmente assistente do Prior Provincial dos Dominicanos da França. Ele tem uma experiência diversa de Vida Religiosa (pequenas comunidades mistas com pessoas deficientes, conventos na França ou na África, como Superior ou como Formador...). Ele dá conferências em muitos movimentos da Igreja, anima Capítulos e prega Retiros em numerosos mosteiros e comunidades religiosas.

Este artigo foi publicado em « Vidas consagradas », N° 2, abril-maio de 2013.

Original em Francês

A vida religiosa com frequência declina como as litanias de uma morte anunciada. Isto tem acontecido muitas vezes depois do Vaticano II, mas sempre surpreende: « o corpo ainda se move » e até se renova. Os sociólogos fazem a sua análise para descrever tal ou tal aspecto do que eles chamam de crise da vida religiosa e que se manifesta por um envelhecimento significativo na Europa (o que não é verdade em outras partes do mundo) e por uma diminuição do número de jovens (mais uma vez joga-se com as diferenças continentais). Os argumentos dados são numerosos e pertinentes, mas a vida real nas comunidades religiosas contemporâneas deixa perceber outros desafios que se cristalizam, hoje, mais ao redor de uma dicotomia visível ou legível no interior das congregações e das comunidades, e também entre elas. Esta oposição não tem profundidade: se o visível é mal compreendido, caricaturado ou uma referência para os poucos iniciados, para que serve? O essencial é para ser visto ou para testemunhar o Evangelho? Se o que fazemos não está ligado a Cristo, nossos contemporâneos não conseguirão ter acesso à chave de interpretação dos gestos que fazemos; se calamos Aquele que é a Fonte do nosso agir, não somos mais legíveis. A questão parece estar além da oposição no que diz respeito à palavra. Ela tem o poder de ser explorada nas suas diferentes dimensões para ser renovada.

Discursos sobre.

As maneiras de falar sobre a vida religiosa são numerosas e variam de acordo com as pessoas que falam, a sua experiência, sua tradição espiritual e os costumes de cada congregação. É claro que estes discursos sobre a vida religiosa, que se destinam aos nossos contemporâneos, são também marcadas pelo fato de que nos dirigimos aos que creem do grupo (cada vez menos numerosos) ou aos outros crentes ocasionais, sejam aos não praticantes ou aos indiferentes, com frequência menos informados quanto ao funcionamento da vida da Igreja. Esta diversidade é real mas, para além das diferenças é possível identificar alguns eixos maiores. Este trabalho de decodificação é importante, não para a retórica ou para uma estratégia de marketing vocacional, mas porque estes discursos modelam também a nossa própria identidade. Nós nos tornamos, em grande parte, o que dizemos de nós mesmos; é o que P. Ricoeur evoca a respeito da identidade narrativa¹.

Os discursos catastróficos geram religiosos catastróficos: quem iria, em sua consciência, se reunir a uma assembleia de chorosos permanentes? Os discursos dos conquistadores que se acham investidos de uma missão de resgate do cristianismo, de certos valores ou de um modo de fazer num mundo decadente e consumista ou insignificante são conduzidos a uma oferta de radicalismo muito excludente. Os discursos “jovens e conectados para jovens conectados” levam à insignificância... Poderíamos assim multiplicar as análises².

Discursos sobre a perda da âncora

De modo transversal, podemos identificar três meta-linguagens sobre a vida religiosa que indicam elementos importantes, mas que agora estão lutando para falar de uma escolha feliz e relevante para o nosso tempo. Para falar sobre a vida religiosa, falaremos, com mais frequência, sobre a linguagem do trabalho ou mesmo a respeito da presença informal nos bairros e nas associações. Mesmo que se invoque o servo inútil, desenvolveremos um discurso a partir do que se faz, do que tem uma utilidade social, do que cria laços. Utilizamos um vocabulário da missão, da ação social mais ou menos profissional... Mesmo se a maioria dos religiosos/as são aposentados/as e contêm sua impaciência por não serem mais ativos como eram antes, este discurso ainda é atual através da noção de presença, de proximidade, de laços a serem estabelecidos ou a manter. Esta abordagem é a da eficácia que se transforma de múltiplos modos. Ela não é destituída de relevância pois que fala com dignidade da pessoa em suas relações de justiça e de amizade ou da transmissão da fé, mas reenvia a um sistema de valores que não se ancora muito facilmente na modernidade. Os/as religiosos/as não estão mais concretamente muito presentes na ação, mesmo se inspiraram com frequência

os leigos que os substituem e estas ações não são mais próprias dos/das religiosos/as.; elas são banalizadas e dizem respeito aos crentes e mesmo aos humanistas militantes. Elas não mobilizam mais grandes números de religiosos/as que não esperaram ser religiosos para agir na sociedade.

A retórica do radicalismo – não se ousa mais invocar a da perfeição – é também utilizada para falar da vida religiosa, mas esta radicalidade é raramente aquela que as pessoas de hoje pensam, esperando, antes, uma pobreza e uma inserção muito intensa. A vida religiosa seria, para estes radicais, uma ruptura com estes valores de um mundo decadente ou inconsistente, uma inversão de valores, uma rejeição de hábitos contemporâneos e uma informação forte de identidade.... Situar-se contra a modernidade pode ser um sinal? Não é antes uma contra-cultura, a de um estilo de vida especial, reservada para alguns: os mais fortes, os mais absolutos, os puros... Quem pode ser atraído por este estilo de vida se não fizer parte da elite e não for “forte” ou não pretender ser um modelo para os outros? A quem este discurso pode se dirigir para uma relação comum e que efeito ele produz? O que é retomado aqui é, de fato, uma temática da vida religiosa como uma proeza. Tal opção não é condenável em si mesma e pode apelar contra um cristianismo morno, mas ela se revela frágil e ilusória em longo prazo e humanamente violenta porque é preciso sempre rejeitar o que a modernidade propõe e, portanto, a experiência que oferecem as relações simples com os nossos contemporâneos.

Pode-se, também, tentar explicar a vida religiosa a partir de um ideal formal que, no fim das contas, nem sempre é completo e perfeitamente vivido, o que nos culpa ou nos torna hipócritas e, de todo modo, faz com que nos desesperemos. Este discurso se apoia com frequência sobre os votos que parecem pouco relevantes ou convincentes em comparação aos ideais de nossos contemporâneos, incluindo aqueles que procuram ser fiéis. Os votos são apresentados como renúncias (às vezes ainda como sacrifícios) ou, ao menos, como provas a serem vividas para nos entregar a Deus. A oração e a vida comum, mais ou menos fraternal, devem ser adicionadas a esta abordagem formal para dizer o projeto – o objetivo – da vida religiosa. A temática da oblação que faz eco a este tipo de apresentação é desenvolvida como resposta (um contra dom que equilibra a equação) a um dom primeiro de Deus. Esta apresentação inclui a relação com Deus numa racionalização que deixa pouco espaço à gratuidade que é o Amor e numa teorização da violência, pouco feliz e contra a natureza humana. Esta abordagem, pela sua forma, descreve os meios mobilizados para encontrar Cristo, mas não diz, de verdade, o sentido da vida religiosa. Além disso, racionalizando entre o modelo e o ideal, ela não leva em conta a diversidade de traduções deste ideal, nem o que é vivido e que faz o real da vida religiosa nas suas fragilidades, suas misérias e luminosidades.

Ou discursos que abrem para um futuro

O encontro concreto de religiosos/as, partindo do que é verdadeiramente vivido por eles, abre outras maneiras de dizer o que é a vida religiosa que poderiam ser mobilizadas³. Isto não tem por objetivo recrutar noviças – má estratégia para evitar – mas simplesmente abrir brechas numa opinião pública que está desesperada pelo real ou muito segura dela mesma e de sua criteriologia do bem-sucedido⁴. Ser religioso/a é outra coisa do que propôr questões, em nome de Cristo e de sua Igreja, em um mundo de afirmação, sobretudo quando a afirmação concerne a impossibilidade de ser fieis felizes? Os/as religiosos/as me parecem, antes de tudo, portadores de pontos de interrogação no mundo como ele é, criando assim espaços onde a liberdade do interlocutor é despertada à possibilidade de um encontro com Cristo e pode se desenvolver?

As três metalinguagens, difíceis de perseguir, pode-se tentar se opôr três outras, portadoras de um questionamento que podem inflamar a escolha de viver acolhendo o Cristo que vivifica o que são as pessoas e as instituições que elas implementaram. A arte de viver um estilo diria C. Theobald⁵, é um dos discursos possíveis: não somente uma espiritualidade da terceira idade ou do aposentado, mesmo se tal espiritualidade tenha algo a dizer⁶, para sugerir a palavra que tenha a ver com “um modo de ser feliz” a todas as idades e experiências. A vida religiosa é, como uma arte de viver a vida cristã, aberta para a vida de Jesus, não como um modelo, mas como aquele que encontramos e que nos acompanha. Os que compõem esta arte de viver são da ordem do movimento (do ultrapassado) e do começo contínuo, da confiança na Redenção aberta pela Cruz, da amizade com Deus e com os outros, da preocupação pela vida libertada pela Ressurreição... No centro desta arte de viver, a oração em todas as suas modalidades é a fonte, e é o que o mundo espera dos religiosos/as: que digam a ele onde está a fonte, mesmo que ela só jorre de noite⁷. Os religiosos/as são pessoas centradas na oração, contemplativos – apostólicos ou não – quer dizer, pessoas que não se cansam de esperar Deus e de o acolher quando ele se dá, que se tornam, pouco a pouco, conscientes do companheirismo com o qual Deus os gratifica e que, então, ousam lhe apresentar as dores do mundo e de receber sua doçura que eles vão transmitir aos outros ao seu redor. Um estilo de vida de tráfico de Deus, um trabalho do Espírito que os põe em relação e que as regras de vida das congregações facilitam e objetivam.

A vida religiosa pode também ser dita através da temática da abertura que consiste em liberar um espaço de vida no interior de si ao mundo tal como ele é. Trata-se menos de invocar uma ruptura ilusória e insignificante em relação ao mundo do que por-se à obra este dentro-fora que caracteriza os cristãos⁸, homens e mulheres cujas vidas foram alteradas para sempre pelo encontro com Cristo Ressuscitado. A lacuna não é um fosso, mas uma tomada de distância em relação ao que é obstáculo à vida para se aproximar do que

é a fonte de fertilidade e Daquele que é a Vida, mas também o Caminho e a Verdade. É deixar em nós um espaço livre para o surgimento de Deus. Um espaço fértil que é implementado através de comportamentos, de valores, da disponibilidade aos outros, da gestão do tempo, da relação com o corpo e a morte... Esta é a função dos votos e das constituições de cada instituto de vida religiosa. A vida religiosa, no que ela abre um espaço, é uma maneira de se tornar disponível para receber uma vida em abundância, um acréscimo, e de reinvestir estes dons de Deus à nossa volta, na vida comum e social. O acento agora é posto sobre a distância necessária em relação ao que a sociedade afirma serem as únicas vias de salvação e de felicidade para receber um modo de ser da parte de Deus e de irradiá-lo alegremente: é inscrever a vida religiosa numa atitude profética que é, ao mesmo tempo, contestação, atestação e visitação em benefício do nosso tempo e o de cada um. O Cântico dos Cânticos abre um terceiro registro: o da vida religiosa como uma história de amor. Não se trata de uma transferência para o imaginário de um amor humano que ainda não foi estabelecido, mas de levar uma vida que traga prazer no encontro com Deus e se organize ao redor disto. Falar de amor parece desatualizado e pode parecer inaudível àqueles e àquelas que não acreditam ser possível ser amados e amar, que só veem a necessidade de desconfiar. O Cântico dos Cânticos não foi escrito, evidentemente, para falar da vida religiosa, mas ele pode ressoar de modo incrível nas nossas vidas de religiosos/as. Ele fala de nossas explosões por Deus e do nosso desejo de viver intensamente com ele, de uma busca entre o nosso coração e o Bem Amado, das nossas preguiças na espera, da nossa impetuosidade, dos nossos renascimentos, dos nossos entusiasmos e dos nossos amores irreprimíveis...Ele descreve, assim, a vida espiritual que é a vida religiosa, através das regras de vida e dos mecanismos institucionais que são as ferramentas que cristalizam a experiência dos buscadores de Deus segundo as instituições fundadoras, tentando torná-las possíveis e férteis. A organização controlada, que é a vida religiosa, - uma maneira entre outras de ser cristão - está a serviço deste encontro enamorado como diz João da Cruz⁹. Quando ela quer ser outra coisa, há o perigo da insignificância ou do desvio do objetivo.

Outros registros poderiam ser explorados para falar da vida religiosa, mas o que importa é que nós nos coloquemos juntos na busca de maneiras de dizer que nos permitam viver mais intensamente o que viemos viver, para irmos na nossa direção¹⁰ lá onde Deus nos deu um compromisso. Este trabalho sobre o dizer o é fundamental para que nos tornemos a nós mesmos, à nossa identidade de religiosos felizes, mas também para que possamos dar o que esperar ao nosso tempo: o próprio Deus fala hoje ainda e propõe um caminho de vida fértil.

Un discurso entre...

Se o discurso que temos sobre a vida religiosa nos faz existir de um modo particular, ele vai engendrar também uma maneira de falar de nós mesmos¹⁰. Esta palavra partilhada é a pedra angular do futuro da vida religiosa. A vida comum dos religiosos/as não é somente o pôr em comum os bens, o tempo e as ações; ela é o pôr em comum a palavra. Ou este aspecto é o mais difícil que ousamos dizer e as comunidades mudas¹¹ são numerosas.

Falar a um outro

A história d torre de Babel (Gn 11) pode então servir como analista para a nossa reflexão. A intervenção de Deus, a liberação e não a sanção, vem quebrar a pobreza da linguagem dos humanos mobilizados unicamente para fazer-se um nome para falar só de tijolos e de betume, crendo que através desta construção, eles se faziam iguais a Deus ou mesmo mais alto do que ele. Deus, ao destruir esta pobreza de linguagem unicamente funcional e ao serviço de uma vaidade estéril, convida a assumir o risco de outro, para procurar se comunicar além das evidências operacionais, para falhar às vezes ao se fazer compreender e a buscar vias novas para trocar com o outro e se tornar radicalmente diferente. Deus abre, assim, a necessidade do diálogo onde só havia um monólogo coletivo; ele convida a descobrir o valor da diferença e do desconhecido. A via não é fácil mas ela abre a unma verdadeira riqueza fazendo do encontro com Deus um lugar maior do nosso próprio futuro humano. Não se trata mais de buscar substituir a Deus mas de ousar se comunicar com o outro, escola para se comunicar com Deus. Jesus, vindo ao nosso mundo e entrando na nossa linguagem humana fará do diálogo com toda pessoa, sem excluir nenhuma, o lugar de conversão e de salvação e falará assim da amizade de Deus para com cada pessoa.

Bem evidentemente, falamos da vida religiosa. Há muitas ocasiões de palavras de compaixão, mas a palavra do mandamento supera, muitas vezes, uma busca em comum do que é bem e bom, do que é evangélico. Procurar implantar a palavra é outra coisa que valorisar o falatório que outra coisa não é a não ser o medo do silêncio que se deve preencher rapidamente. Os monges e as monjas são chamados, como os outros religiosos, a esta partilha da palavra essencial, a que tem o gosto do Evangelho, mas que nos tempos mais específicos se exige uma palavra mais intensa.

Esta partilha da palavra contradiz a maneira ultrapassada de se falar como no século 19, ainda presente em numerosas congregações, com o medo e o pavor também desenvolvidos que resultam de feridas antigas e não perdoadas (e não faladas), com a invasão da palavra dominadora de alguns em busca de poder e de reconhecimento. Ela está também em contradição com o culto do jornal televisionado que evita de falar diante do trágico da vida e

fornece, ao mesmo tempo, as anedotas que ocupam as refeições comunitárias e permitem assim não se implicar em um relacionamento falado.

Falando para acontecer

A palavra compartilhada faz nascer cada um a si mesmo e à comunidade pois toda palavra nos faz tornar-nos sujeito, singular e em relação. A palavra revela, na fragilidade e frequentemente na ambiguidade, a nossa interioridade; ela é o desvelamento do que é invisível e nos constitui como humanos. Ele deve atravessar os nossos interditos e nossos medos fazendo, então, aparecer nossas esperanças, nossos desejos...ela nos faz ser presença e ser atentas ao mesmo tempo. Nossa identidade, na complexidade de seus feixes, emerge pouco a pouco e sua dimensão religiosa se formaliza. Trocar ideia, entrar na conversa é outra coisa do que uma ocupação: é um processo generativo. A vida religiosa, através da palavra partilhada, nos ajuda em nossa humanização e na nossa filiação divina.

A palavra cria a relação de fraternidade ao correr o risco¹² de ouvir prazeres e sofrimentos dos outros, o que nos transforma, mas também nos permite o desvelamento de nós mesmos. Os laços que tecem a palavra dão realidade à fraternidade, à hospitalidade mútua, ao reencontro. A palavra partilhada estimula e reconforta tanto sobre o plano da nossa humanidade em busca dela mesma como sobre o nosso caminho com o Cristo; nisto ela é indispensável para que nos mantenhamos na vida religiosa em tantos momentos de céu cinza quanto nos dias de sol aberto. A palavra partilhada permite a passagem da vida comum à vida fraterna. Ela dá um peso de verdade à nossa afirmação de sermos irmãos e irmãs na vida religiosa. A palavra trocada é, portanto, ao mesmo tempo uma medida da nossa fraternidade e um meio de fazê-la progredir; ela é também um meio de compaixão e de testemunho do que o Espírito pode fazer: ele nos ajuda a falar lá onde podemos legitimamente nos ignorar e nos calar “educadamente”. Se ela é essência à vida religiosa, ela não é fácil. São Tiago, na sua Epístola, falava já da ambivalência da língua (3,5), capaz do bem mas também de matar. As palavras trocadas podem escorregar, feridas podem ser causadas, incompreensões se tornar motivos de ruptura fraterna, risco ainda maior quando as nossas comunidades são multiculturais. Talvez o fato de se deixar apanhar por palavras que matam estejam na origem de medos que nos tornam mudos mas este obstáculo é transponível: é a utopia da vida comum regular ou ao menos cremos que o Espírito de Jesus pode nos ajudar a ousar ir além disto.

As palavras de Jesus sobre o perdão estão lá para nos agulhar (Mt 6, 14; Mc 11, 25; Lc 6, 37) ou as exortações de São Paulo (Ef 4,32; Col 3, 13...). As palavras de perdão são um verdadeiro cimento da fraternidade. Esta última não é baseado num discurso de unanimidade sem desacordo mas sobre o

perdão dado a priori em nome do Cristo. O perdão não é apagar o que foi causa de conflito ou de violência mas a nominação – uma palavra dita – desta causa e a afirmação – o sacramento da linguagem¹³ – de que isto não pode constituir uma razão de ruptura definitiva da fraternidade. O perdão está, assim, na sua dificuldade, no centro da vida religiosa na sequência do perdão de Jesus aos que o crucificam e da lembrança que o liga a São João: ninguém pode dizer que ama a Deus se não ama o seu irmão.

Estilos de palavra para a vida

Estas reflexões muito rápidas sobre a palavra partilhada como prática maior da vida religiosa nos convidam a buscar como poderíamos nos falar melhor na vida religiosa para poder assim nos pôr numa escola de fraternidade e ousar partilhar esta palavra com os nossos contemporâneos: esta é a nossa missão. Três tipos de palavras poderiam ser trabalhadas de maneira mais particular para desenvolver o estilo de vida dos/das religiosos/as. A palavra de admiração é o primeiro tipo. Ela não é ingenuidade ou vontade de não ver o que vai bem (segundo nossos próprios critérios pouco objetivos). Ela é o pôr em comum o que começa, o que nasce e vem aquecer o concreto de nossas vidas pessoais e coletivas, políticas e econômicas. Ela está acompanhando o que é inesperado e vem quebrar os padrões lógicos e os hábitos. Ter o cuidado do que começa, dizê-lo e celebrá-lo é uma atitude a desenvolver na vida religiosa como eco com a manhã da Páscoa onde a morte foi quebrada. Os/as religiosos/as são seus guardas, vigias (Jer 1, 11) e têm uma responsabilidade para com o mundo (Hab 2).

A palavra de inteligência é o segundo tipo de palavra que é preciso desenvolver para sermos fieis aos propósitos da vida religiosa. Esta palavra é necessária num mundo que é cortado da cultura cristã: somos interrogados sobre múltiplos pontos e nossos contemporâneos esperam de nós não respostas feitas, mas de ferramentas e de colocar perspectiva para avançar em seus questionamentos. É-nos preciso, então, desenvolver a palavra da inteligência, o estudo compartilhado da Bíblia e da teologia, a compreensão de nossas implicações, a reflexão sobre os desafios da cultura contemporânea¹⁴... Partilhar nossas leituras, nossos questionamentos, nossas informações e nossas análises não é mais reservado para alguns intelectuais especializados; é uma urgência para que a vida religiosa esteja a serviço do nosso tempo. A palavra evangélica deve ser nosso lugar habitual. Ela deseja fazer memória de Jesus e de sua passagem em nossas vidas, deste Cristo cujo olhar se punha sempre sobre o sofrimento dos outros¹⁵, deste Senhor que surge nos nossos silêncios e nossas orações. Esta linguagem mais difícil nasce da partilha do lugar de Deus em nossa experiência e em nossa responsabilidade de levar a memória de Deus em um mundo que o ignora. É uma palavra que vem da nossa identidade de crentes e que está em busca de palavras verdadeiras e portanto amorosas,

modestas e, ainda assim, brilhantes. É um grande desafio: ousar dizer que vivemos por causa de um Amor que se entrega a nós apesar de nossos limites. Esta palavra se faz pregação mútua, partilha do Evangelho, troca espiritual, confidências onde Deus é o autor... São apenas algumas pistas para nos estimular a nos tornarmos falantes a fim de que Deus seja dito entre nós pois é ele a nossa vitalidade e, ao nosso redor, não por sábios ou professores, mas por seus amigos. Falar a Deus e falar de Deus e desvelar a vida religiosa como projeto de viver a amizade com Deus.

¹ P. Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, Seuil, 1990

² Cfr. Jean-Claude Lavigne « Des novices ? Quels novices ? », in *Bulletin de l'UISG* n° 150, 2012.

³ Voir J.-C. Lavigne, *Pour qu'ils aient la vie en abondance*, Cerf, 2010. Ce livre essaie surtout de préciser ce que peut être une vie religieuse conçue comme écart.

⁴ Voir J.-C. Lavigne, *Voici je viens*, Bayard, 2012 qui cherche à suggérer un chemin de discernement et d'évoquer la vie religieuse selon la thématique du Cantique des cantiques.

⁵ Voir Christoph Théobald, *Le christianisme comme style*, Cerf, 2007 (2 vol.).

⁶ Car elle est pertinente pour le seul groupe social en expansion en Europe : le 3e âge et les « âges » suivants : 4e et 5e âges. Le nombre de centenaires dans la vie religieuse est en hausse très rapide

⁷ Voir Colloque de l'UISG « Mystique et prophétie », 2010, dont le thème reprenait un verset du poème de Jean de la Croix

⁸ Jn 15,19 ; Jn 17,14-16

⁹ Jean de la Croix, *Cantique spirituel*.

¹⁰ *Cantique des cantiques* 2,10.

¹¹ Le mutisme n'est pas le silence mais une violence contre la parole.

¹² Voir le très beau livre de F. Chirpaz, *Parole risquée*, Klincksieck, 1989

¹³ G. Agamben, *Le sacrement du langage. Archéologie du serment*, Vrin, 2009.

¹⁴ C'est là un des enseignements du discours aux Bernardins à Paris de Benoît XVI qui présentait la vie religieuse comme un laboratoire culturel (2008).

¹⁵ J.-B. METZ « Memoria passionis ». Un souvenir provocant dans une société pluraliste, Cerf, 2009.

FUTURA DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

P. Carlos del Valle, SVD

Padre Carlos del Valle é missionário do Verbo Divino. É doutor em Teologia Moral e, desde 1983, trabalhou no Chile e foi Diretor da Revista Testemunho. Em junho de 2013, foi nomeado Reitor do Colégio São Pedro, em Roma.

Original em Espanhol

A VR na América Latina está passando por um processo de revitalização para deixar-se refundar, hoje, a partir da vida do povo. Desta perspectiva, alimenta desejos, ideais, sonhos... que reforçam o seu ser sinal:

- Ante ao secularismo, à indiferença e à superficialidade ... A VR mostra um desejo de buscar a Deus, que vai configurando homens e mulheres que anseiam pelo profundo.
- Frente ao individualismo e à solidão... Quer cultivar a vida fraterna, testemunhas e artesãos, construtores pacientes de comunhão imperfeita.
- Frente ao consumismo ... Anseia pela simplicidade e liberdade interior, austeridade de vida, para se livrar do imperialismo do ego e, portanto, limar as arestas do radicalismo.
- Ante ao Império do poder e do domínio... Reflete um desejo de doação na humildade, sem trocar o serviço pelo prestígio. Frente ao utilitarismo ... Fascínio da gratuidade, o perfume superabundante em Betânia.
- Em ambientes de relações frias e distantes ... Um esforço para viver a cordialidade e a misericórdia, que torna os/as religiosos/as mais humanos/as, mais próximos/as, mais alegres, mais apixonados/as pela vida.

À VC preocupa “o que é preciso fazer para agir segundo Deus?” (Jo 6, 28). Saint-Exupéry disse: “Na vida não existem soluções. Só existem forças a caminho: é preciso criá-las e então virão as soluções”. Apontamos para que estas forças se ponham caminho, sejam sinais claros e respondam aos desafios deste tempo social e eclesial.

1. “O Século XXI ou será místico ou não será humano”: A mística... o sentido profundo da vida, a abertura ao horizonte de Deus.

A VR estará em crise; mas a crise não a sentimos em nós mesmos. Vivemos com coisas que nos distraem, urgências que nos anestesiaram, tarefas que nos satisfazem, garantias que nos tranquilizam... vegetando entre a indiferença e a rotina. Acomodados/as em nossas fidelidades. A que estamos sendo fiéis? Ao passado ou ao que Deus quer de nós hoje? Para sermos fiéis ao passado bastam as práticas e costumes. Para sermos fiéis ao hoje, precisamos da criatividade. Primeira virtude do místico... ser criativo, não ser fiel à rotina.

Queremos posicionar-nos como homens e mulheres de Deus nesta sociedade. Mas... como Elias (1 Rs 19, 1-14), nos refugiamos em nossas cavernas: tradições, rotinas, nossas verdades, costumes e seguranças. O anjo (pessoas, sociedade) diz-lhe: saia de suas cavernas, de seus costumes, de suas convicções, de suas verdades aprendidas... e coloque diante de si as necessidades do povo. Como Jesus... oriente-se pela missão, não tanto pelo que aprendeu, mas pelas necessidades das pessoas que encontrar.

Passa o furacão, o terremoto, o fogo... Nosso ativismo, nosso protagonismo, que nos faz sentir importantes e nos dá prestígio, que nos leva a ser funcionários/as do sagrado e não testemunhas de Jesus... Fazemos muitas coisas... Poderíamos até mesmo pensar que a VR consegue eficiência laborial, excelência profissional... E excelência evangélica? Devemos nos perguntar: Transmitimos muito Evangelho no muito que fazemos?

As nossas instituições, o significado social que gozamos, a liderança moral que exercemos, a personagem em que nos refugiamos, o ser parte da elite sagrada que nos leva a crer que somos distintos/as... Tudo o que nos distancia da vida daqueles que têm pouco, sabem pouco e podem pouco. O poder, o clericalismo, os abusos na Igreja, as nossas verdades excludentes, o olhar apartir de cima para os leigos, para os diferentes... Ali não está o Senhor.

Uma brisa suave ... Algo novo está nascendo em nossa VR do continente: uma linguagem (desejo) de coerência das coisas feitas com amor, alimentadas na oração... uma linguagem que voa alto. Desejo de espiritualidade, do cultivo da dimensão contemplativa. Interesse pela inserção no meio do povo, ao serviço dos últimos. O Espírito vai fazendo despertar para a graça da missão, e a missão como diálogo. Uma VR vai se configurando mais humilde, com qualidade espiritual, mais centralizada em Deus, mais missionária, simples institucionalmente, movida pelo Espírito e seus carismas, com novas

formas de comunidades, abertas para os leigos; uma VR que se comove pela beleza dos rostos compassivos e alegres, com o coração nos que sofrem, com pequenas histórias geradas por ela.

Respira-se um crescente desejo de mudança. Em mensagens e congressos o lema básico é: *Queremos outra coisa*. Cansados da falta de honestidade e transparência, em diferentes instâncias públicas e nas esferas pessoais secretas. Nossa VR leva uma carga profunda de boa vontade, de sede de honestidade e de coerência, de fome de vida, sede de Deus. Muitos religiosos e religiosas que, no seu dia-a-dia estão gritando o Evangelho com a vida, estão dizendo que o espaço da Igreja e da VR, na sociedade, não deve ser o poder.

Queremos viver como discípulos/as-irmãos/as e missionários/as-testemunhas. Se um/a missionário/a não é testemunha é um auto-enganador/a. Uma pessoa pode sair do continente, mas se não é uma testemunha de Jesus Cristo, estará na missão como quem está fazendo uma safári. Se não estamos enraizados na experiência de Deus, não temos nada a dizer aos nossos contemporâneos. Nós nos sentiremos irrelevantes, impotentes para responder aos desafios que a sociedade atual apresenta para a Igreja. A questão fundamental: Temos o vigor espiritual que necessitamos para enfrentar os desafios que a sociedade de hoje nos apresenta??

Com o Concílio, empreendemos a renovação da VC buscando a eficácia apostólica. Hoje o fazemos a partir de considerações espirituais, entrando mais na lógica do dom que no heroísmo pessoal. A vida, mais que salvadores, precisa de apaixonados. O problema na VC é o da espiritualidade, de ter ou não ter a experiência de Deus. É a resposta à crise das pessoas e à crise da instituição. O pecado... a anemia espiritual. Quando se perde a paixão por Jesus e seu Reino, sobra o refúgio nas devoções. Daí uma vida fugaz, *light*: nas orações formais e nas rotinas, vida comunitária reduzida a viver e deixar viver, a missão como realização de tarefas, gostos e prazeres... Quando o vírus da anemia espiritual nos ataca, tornamo-nos odres velhos, sem esperança, sem criatividade. O vinho novo do testemunho se torna azedo. E atribuímos às limitações a categoria de paralizadora da esperança.

2. “O Século XXI cristão optará pelos excluídos ou não será cristão”: Alimento de uma missão carismática e profética.

A crise de identidade sempre vem de uma fraca experiência de Deus e da desorientação na missão. Que identidade estamos fortalecendo hoje? Uma identidade corporativa, alimentada a partir da missão da Comunidade ao serviço dos feridos pela violência da história, à margem do bem-estar?

A nós, religiosos e religiosas, solicita-se tudo e, às vezes, deixamos de fazer o que é próprio do ser religioso. Com um duplo perigo: passamos a ser

funcionários/as do sagrado, ou especialistas em generalidades, com uma identidade *light*. É mais cômodo trabalhar em espaços pastorais já criados do que inaugurar novos espaços de presença missionária de fronteira. Para o primeiro, basta a capacidade de gestão. Para o segundo, se requer criatividade e audácia. Sendo criativos e audaciosos, damos nome às realidades da nossa vida e missão. Vamos qualificando-as e classificando-as, dando-lhes orientação evangélica e significado na Igreja e na sociedade. Alguns exemplos:

- Vida consagrada... Mais vida e mais consagrada
- Vontade de Deus... Relações fraternas
- Minha congregação... Ampliar a tenda para os leigos
- Meus irmãos ou irmãs... Reencantados/as com sua vocação
- Religioso, religiosa... Voluntário, voluntária em tempo integral
- Projeto de vida e missão... Os outros, a vida dos que sofrem
- Irmãos/ãs, sacerdotes... Aprendizes de discípulos/as-irmãos/as
- Espiritualidade... De doação, de encontro
- Comunidade... De portas abertas, intercultural
- Religiosos/as... Com vigor espiritual, forjados/as no profundo
- Missionários/as... Testemunhas - Sobram funcionários
- Missão... Carismática e profética
- Desafios da realidade... Vontade de Deus escrita na vida
- Lugar dos religiosos/as... Deserto, periferia, fronteira
- Patrimônio... A partir dos pequenos

À VR do continente preocupa o vigor profético-carismático dessas denominações e o empenho em dar-lhes forma. Só assim mudará o ambiente da Igreja e a própria Igreja: através do serviço e da doação, passando do estilo clerical-hierárquico ao fraterno-discipulado. Na doação, encontramos a identidade própria religiosa. O que convence alguém, hoje, não é a palavra ou as obras que realiza, a sua pregação ou gestão, mas a vida vinculada a dos outros: “encarregar-se de, icumbir-se e assumir” com o que isso implica para si e para os outros.

Nossa identidade, o carisma, a espiritualidade... Não só a descobrimos escavando na tradição da própria Congregação. Podemos encontrá-la também na missão carismática e profética que encarnamos. O sal e o fermento só aprendem o que são e para que servem quando se misturam, quando se perdem e se gastam em dar sabor e fermentar a massa do pão. O sentido de nossa vocação... Buscar a Deus para além do âmbito do sagrado: nas fronteiras,

onde vivem os que têm tudo contra eles, em lugares onde a vida e a exclusão são quase sinônimos. O que importa é o sofrimento das pessoas. O amor cristão se dá quando o próprio mundo se concentra inteiramente na dor dos fracos, buscando que todos os seres vivos estejam livres da dor.

A vida e o amor transbordam onde há religiosos e religiosas como dons no coração de ambientes marginalizados. As comunidades de periferia constituem a base de uma Vida Religiosa místico-profética latinoamericana. Um serviço chamativo ... para modelar . A VR retornou à sua terra de origem. O encontro com os pobres é, por excelência, o território da Vida Consagrada. O tribunal dos pobres julga nossa missão. É fácil encontrar os excluídos; o difícil é continuar o encontro, torná-lo ponto de orientação da própria vida e missão.

Façamos da missão profética uma convicção, uma crença, ao invés de uma ideia. As ideias são pensamentos. Nas crenças se vive. A espiritualidade de quem vive em suas crenças é a nossa força. O olhar sempre voltado para o alto, mas a partir do chão da vida, porque temos o coração ao lado de excluídos. Com eles e a partir deles vive-se o Evangelho. A nossa tarefa... Sintirmo-nos e sentarmo-nos com a Palavra de Deus, ao lado dos pobres, para alimentar a consagração.

3. “O Século XXI cristão ou será ecumênico, intercultural ou não será eclesial”: Poderá ser uma eclosão de minicristianismos, monoculturais, sem consistência evangélica e sem testemunho de comunhão, porém não será a Igreja de Jesus.

Um carisma vive na medida em que é recriado. Se quisermos ser fiéis ao carisma dos fundadores/as, é preciso mudar a vida de nossos Institutos, mudando a nossa vida. Convocados/as à fidelidade criativa: fiéis às raízes e fiéis ao novo para não permanecermos no passado, sufocando o Espírito pela rotina.

Olhar para o futuro, comprometermo-nos com o futuro, deixando-nos tocar pelo impulso do novo. Deus se manifesta nos acontecimentos mais do que na Palavra. O Deus bíblico é o Deus da vida e da história. Muito do Antigo Testamnto, que hoje qualificamos como Palavra de Deus, Israel aprendeu dos povos e religiões vizinhos. Através deles, ele a recebeu de Deus.

Nosso mundo é mais pluralista. As cidades são lugares de diversidade, de multiculturalidade. Se algo as define, é a variedade e a diferença, além da tolerância. A espiritualidade da comunhão nos conduz pelo caminho da interculturalidade, interpelando a Vida Consagrada como vida cristã na fronteira. Nossas comunidades têm de responder ao dom e ao desafio da interculturalidade, a partir de dentro e a partir de fora, na vida e na missão.

“No século XXI, o rosto da nova fraternidade e irmandade será intercultural ou não será”, nos diz Diana de Vallescar. O presente com futuro da vida consagrada, hoje, passa pelo profetismo da interculturalidade.

Para ser construtores e testemunhas do carisma da VC no século XXI, é preciso colocar-se no caminho do diálogo intercultural. Custa passar do eu ao tu, culturalmente diverso, e mais ao nós da interculturalidade. Vivemos com uma lista completa de relacionamentos e amizades. Abrimos a porta e sentamos à nossa mesa (tempo, amizade, bens, interesses) a quem são expulsados demônios sendo dentre os nossos. Ameaça-nos uma mentalidade estreita, de relacionamentos e experiências fechadas na própria cultura; nos reduz, nos torna repetitivos/as, presos/as nos costumes, incapazes de nos abrir para algo novo. Nos faz sentir inseguros/as até mesmo de ampliar a tenda de nossos relacionamentos e permitir que sejam incluídos povos de fronteira, portadores de mudanças à nossa maneira de viver. Quando, em nossas tendas, entram pessoas diferentes, as seguranças são removidas, porém não nos tornamos acomodados/as ou incoerentes; Elas fazem com que encurtemos a distância entre o que somos e o que falamos. É como o sal na ferida, irrita mas cura, não nos deixa apodrecer na mediocridade.

A vida religiosa será significativa, hoje, se assumir as diferenças culturais das pessoas e grupos na vida e na missão. Os caminhos do profetismo passam pela construção de pontes e pela abertura de caminhos de ida e de volta, a fim de criar uma civilização de diálogo e de inclusão. O monólogo torna-nos conscientes de nós mesmos; o diálogo nos abre para a realidade e para a mudança nela e com ela. O encontro intercultural é fonte fecunda de aprendizagem. A pessoa diferente nos enriquece, nos ajuda a passar da indiferença ao diálogo, a encontrar-nos. Ajuda-nos a conviver, não a competir; a ser humilde, porque nós, seres humanos, precisamos de humildade para conviver ou prepotência para competir. Imaginemos o que poderão ser nossas congregações quando deixarem o coração ser tocado por outras culturas não-ocidentais.

Diálogo intercultural... passagem do Espírito, hoje, na vida de nossas comunidades, para fazer da interculturalidade, na Vida Religiosa, o modo de ser, o estilo de vida, o lugar de encontro com o Senhor. Porém, não se diz sim à interculturalidade sem uma conversão pessoal, missionária e institucional. A aventura do encontro entre as culturas é uma viagem para dentro e para fora de nós mesmos. Isso nos leva a nos desapegar de seguranças, de certezas, em âmbito do conhecido, do familiar. Trata-se de cultivar uma espiritualidade com sabedoria e com coragem proféticas, confiando que o melhor para o Vida Religiosa do continente ainda está por chegar.

A atenção à diversidade fará emergir uma nova espiritualidade, uma autêntica comunhão. Será fator de renovação e criatividade, de transformação

que leva a passar da centralidade ao pluralismo, de um estilo dogmático para outro dialogal, do excesso de identidade e auto-suficiência à autocrítica e à inovação. Obriga a romper hábitos e rotinas que geram a estabilidade. Leva a abandonar estruturas cômodas, paralizantes e a deixar a rigidez de certas tradições vazias e sem sentido. A interculturalidade nas comunidades, hoje, supõe dar vida ao Evangelho e credibilidade à vida religiosa.

O DESAFIO DE SER UMA MULHER RELIGIOSA AFRICANA HOJE

Ir Kenyuyfoon Gloria Wirba, TSSF

Ir Glória Wirba pertence à Congregação das Irmãs da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, Província de Camarões. É titular de um mestrado em Ciências Religiosas, Licenciatura e Doutorado em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbana de Roma e em Teologia da Vida Consagrada, pela Universidade Lateranense de Roma.

Original em Inglês

1.0 Introdução

Em uma cultura ainda emprisionada por certas tradições, tabus e práticas que, frequentemente, inibem, especialmente, mulheres e crianças vítimas de enorme dor e sofrimento, as mulheres religiosas africanas, hoje, procuram diversas maneiras de proclamar o Evangelho ao povo como a Boa Notícia; uma mensagem de vida. A consagração, através da profissão dos conselhos evangélicos, inspira um modo de viver que tem um impacto social radiante ou convincente sobre a sociedade africana. Quando vividos de forma plena e autenticamente estes valores evangélicos, tornam-se um grande desafio, para esta sociedade dominada pelo desejo por bens materiais, liberdade e afeição. Na verdade, hoje, as mulheres religiosas africanas através da profissão e da vida segundo os conselhos evangélicos são convidadas a ter uma postura coerente de testemunho do Reino de Deus, principal anseio do coração humano. Esta mensagem não é apenas expressa em palavras, mas, fundamentalmente, através da fidelidade e autenticidade de sua vocação.

A vida religiosa encontrou terreno fértil na África e continua a experimentar um rápido crescimento. Evidentemente, a sua taxa de expansão contrasta favoravelmente com a estagnação e o declínio da vocação que atualmente assola as Igrejas na Europa e América do Norte. Este aumento não deixa dúvidas sobre a significativa força numérica das mulheres religiosas neste continente. Enquanto admitimos o crescimento rápido e a indispensável contribuição das mulheres religiosas africanas para a Igreja Africana, hoje,

estamos igualmente cientes dos inúmeros desafios a que elas são chamadas a enfrentar. Muitas vezes, quando esses desafios não são tratados adequadamente, eles não apenas tornam os apóstolos menos fecundos, mas acima de tudo, diminuem o entusiasmo inicial e a fidelidade à vocação religiosa.“□

1.1 O desafio de procurar sua identidade específica

O desafio básico para as mulheres religiosas africanas, hoje, é a busca de sua identidade específica, como as mulheres da cultura africana, chamadas, consagradas e enviadas em missão para evangelizar e encarnar o Evangelho em sua própria realidade sociocultural. Isso traz às nossas mentes a crucial questão do que realmente significa ser uma mulher religiosa consagrada na África, com todos os problemas culturais, sociais, políticos e econômicos que atualmente aflige esse continente. A mulher africana, generosamente, acolheu a vida religiosa, mas hoje mais do que nunca, a questão de quem ela é e o que significa ser uma mulher religiosa, na sociedade contemporânea africana, prende sua consciência, tanto a nível individual quanto comunitário. As mulheres religiosas africanas estão questionando o valor de uma vida simplesmente transferida da Europa e da América para África. Embora essa ainda seja fecunda, elas acreditam que geraria mais frutos mais se ela for autenticamente inculturada na realidade cultural, social e econômica africana. De acordo com Semporé, este processo exige três passos concretos: discernir o que, na cultura africana, não é compatível ou não favorece ao crescimento e à plena realização desta forma de vida. Em segundo lugar, discernir no dom recebido o que pertence à sua essência e natureza inalienáveis e o que descartar. Em terceiro lugar, para determinar a ajuda necessária, o cuidado e a atenção a ser dada a esta forma de vida para que possa ser autenticamente implantada, a fim de que possa gerar frutos abundantes e desejáveis em solo africano.¹

1.2 O desafio de serem testemunhas proféticas

O papel da mulher africana torna-se mais proeminente quando a vida está em causa; onde quer que a vida esteja ameaçada, ela sente-se profundamente interpelada a estar na vanguarda para defendê-la. As mulheres religiosas africanas, portanto, são chamadas a estar na vanguarda do testemunho do Evangelho, como mensagem de vida e de amor. Com efeito, a África hoje precisa de profetas que não só denunciam os males sociais, econômicos, culturais e políticos da sociedade, mas que demonstrem, igualmente, com suas vidas, uma outra maneira de viver, enraizada nos valores do Evangelho, e que pode, até mesmo, chegar à doação de suas vidas pela causa da Verdade. O testemunho profético não consiste fundamentalmente na proclamação, mas deriva de um “poder persuasivo, de coerência entre o anúncio e a vida”².

Assim, não é baseia-se, principalmente, em fazer alguma coisa, mas em ser para alguém; Jesus e a disponibilidade para revelar essa pessoa para a sociedade que está constantemente cega ou alienada Dele.

Para encarnar a mensagem do Evangelho em sua realidade sociocultural, as mulheres religiosas africanas devem identificar sua missão profética na Igreja africana e na realidade da sociedade atual. Este é um desafio para redescobrir o papel profético de nossos fundadores/fundadoras, isto é, redescobrir o impulso do Espírito Santo que os/as animava e que continua a operar, hoje. Isso implica voltar às origens; à vocação Evangélica da Igreja. Significa igualmente relacionar as condições socioculturais da nossa sociedade contemporânea com nosso Carisma³, que é uma força dinâmica a ser interpretada de acordo com as diversas situações, tempo e espaço.

As mulheres religiosas africanas são desafiadas a responder às questões perenes de seu povo sobre a vida presente e a vida futura, sobre o mistério da dor e do sofrimento, sobre relacionamentos, etc. Como pessoas consagradas são chamadas a ser luz numa sociedade caracterizada pela instabilidade política, por conflitos e guerras desenfreados, pela doença, pela morte, etc. Estes são argumentos divinos que só as almas acostumadas a seguir a vontade de Deus, em todas as coisas, pode fielmente assimilar e traduzir, corajosamente, nas escolhas que são coerentes com o carisma fundacional e que correspondem às exigências da situação concreta de vida. Confrontadas com a urgência de muitos problemas que parecem, às vezes, comprometer ou mesmo sobrecarregá-las, as mulheres consagradas na África, hoje, não podem deixar de sentir o compromisso de levar em seus corações e na oração as inúmeras necessidades do povo.⁴ Com a paciência e a sensibilidade femininas, são convidadas a ajudar as pessoas a tomar consciência da necessidade de Deus e do empenho de libertação do pecado e da morte.

A redescoberta das raízes evangélicas de nossa vida religiosa é, para nós, mulheres religiosas da África, hoje, uma tarefa fundamental, urgente e inevitável. Nossa contribuição para a evangelização não reside tanto no nosso “fazer”, mas, principalmente no nosso “ser”, o que prova a verdade do que proclamamos. Sem autenticidade de vida, perde-se a identidade religiosa e a missão se transforma num contra testemunho. Na verdade, “a primeira forma de evangelização, hoje, é o testemunho. As pessoas colocam, hoje, mais confiança nos testemunhos do que nos professores, na experiência do que no ensino e na vida e ação do que em teorias”⁵.

1.3 O desafio para uma formação integral e religiosa

Na África, hoje, as congregações religiosas são agraciadas com numerosas vocações, mas deficientes pela falta de uma formação sólida, que ajudaria a

compreender a sua identidade e o seu papel na Igreja e a assumi-lo, plenamente, como mulheres africanas, consagradas totalmente a Deus a serviço dos irmãos e irmãs. Com efeito, a questão crucial que essas mulheres religiosas enfrentam poderia ser resumida pela pergunta: *Que tipo de formação, para que forma de vida religiosa?* Pois a formação depende muito dos conceitos que temos sobre a vida religiosa e como ela é vivida, da imagem que é criada e projetada sobre ela, a falta de uma profunda compreensão desta forma de vida pelo povo e, por vezes, por algumas religiosas que, igualmente, possuem um sério problema de formação.

1.3.1 Formação para serem mulheres africanas autênticas

Estou pessoalmente convicta de que a formação para se tornar uma mulher religiosa africana fiel só pode estar fundada na sua autenticidade como mulher africana; tornando a mulher africana genuína não só de acordo com os valores culturais e normas, mas deixando que o Evangelho ilumine, purifique e eleve esses valores. Este seria o pilar sobre o qual a formação religiosa nos seus diversos aspectos poderia firmar-se para criar mulheres religiosas que se sentem plenamente completas e realizadas; mulheres que são inteiramente responsáveis, com profundas convicções, que se esforçam para implementar, para compartilhar e que são capazes de tomar iniciativas, maduras e responsáveis, como mulheres religiosas.

Na verdade, a África tem hoje uma profunda necessidade de mulheres religiosas que carregue em si mesmas o amor apaixonado de Deus, por elas experimentado pessoalmente e que se expandirá para outros/as como uma centelha de esperança para um futuro melhor. Numa sociedade caracterizada por tanta dor, sofrimento, medo, angústia e todos os tipos de males sociais e políticos, as mulheres religiosas são desafiadas a brilhar como sinais do infinito amor e misericórdia de Deus e da realização futura do Reino de Deus. Tendo em vista que uma pessoa só pode dar o que tem, a eficiência e a profundidade desta missão encontram-se, preponderantemente, em quem elas mesmas são enquanto mulheres na cultura africana, que se dedicaram a ser usadas por Deus como instrumentos da sua misericórdia e de seu amor.

Para isso realmente se concretizar, há a necessidade urgente de um tipo de formação que, tanto quanto possível, distinga o conteúdo da forma, o valor em si mesmo da formulação cultural; em outras palavras, uma formação que propõe e aponta para valores evangélicos e carismáticos às moças africanas, sem vinculá-los à cultura ocidental ou configurá-los a modelos ocidentais de mulheres religiosas. As mulheres religiosas africanas, hoje, precisam de um tipo de formação religiosa, que permitirá a garantia dos valores antropológicos da sua cultura, ao mesmo tempo, traduzindo-os em diferentes modalidades de crença, de vivência e de expressão em comportamentos concretos. Isto apela

para a necessidade de transcender os fatores externos para atingir os internos, a ir além da forma para descobrir a essência. Não é suficiente projetar uma veste religiosa de acordo com o padrão africano, adotar alguns aspectos culturais no ritual de profissão, por exemplo, o pacto de sangue entre as irmãs Congolesas, mas há a necessidade de tocar os pontos de vista culturais da vida, do mundo, da realidade, dos relacionamentos entre as pessoas e com Deus, assim como das realidades escatológicas. Esta tarefa delicada e importante considera que elas mesmas, as mulheres religiosas africanas, são desafiadas a apresentarem-se como mulheres autênticas, com a sua característica feminina, que precisa primeiro ser iluminada pela experiência pessoal com Deus, que as tem consagrado e enviado para serem sinais de seu amor e de sua misericórdia infinita. Com efeito, quando as pessoas se encontram com elas, deveriam primeiro ver mulheres africanas que optaram por seguir a Deus de uma maneira específica, que não as afasta, mas as aproxima de seu povo com uma missão particular de revelar o amor de Deus.

Poderíamos, assim, afirmar, sem hesitação, que o tipo de formação religiosa que é útil e eficaz para a mulher africana, hoje, é aquela que, de nenhuma forma, desfigura a sua identidade africana, mas que modifica, transforma e purifica certos aspectos de sua bagagem cultural. Ao mesmo tempo, deve estar aberta para aprender o que é bom e valioso nas outras culturas. Ela deve permanecer uma mulher africana, consagrada a Deus. É este ser como se é, ser africano, que a graça de Deus assumirá para torná-la uma religiosa autêntica⁶. Este é um longo e complexo trabalho, mas não sem frutos.

1.3.2 Formação para serem mulheres religiosas fiéis

Para que a formação das mulheres religiosas africanas seja completa e verdadeira, deve incluir todos os aspectos da vida cristã; providenciar uma preparação humana, cultural, espiritual e pastoral, que dê especial atenção à integração harmoniosa de todos os seus diversos aspectos⁷. Ela deve tocar, de forma profunda, a dimensão espiritual que é o centro unificador da caminhada para a vida religiosa, pois todo o processo configura-se e orienta-se para Cristo. Isto implica uma pedagogia séria da fé, que objetiva ajudar as mulheres religiosas africanas a atingir uma madura e profunda experiência de Deus, através da leitura e escuta da Palavra, participação nos sacramentos, celebração litúrgica, oração pessoal e comunitária, leitura espiritual, direção espiritual, etc. Todas estas práticas visam a ajudá-las a tornar-se mais discípulas de Cristo, chegando a uma união com Jesus e a uma configuração com Ele. É uma questão de colocar em Sua mente e de compartilhar de uma forma mais profunda do dom de si mesmo ao Pai e de seu serviço fraterno para a humanidade. Este processo requer uma conversão genuína e contínua; colocando na mente de Cristo (cf. Romanos 13,14), despir-se da autossuficiência e do

egoísmo (cf. Efésios 4, 22-24) e andar de acordo com as inspirações do Espírito Santo⁸. A Formação espiritual deve ser fundada em estudos bíblico-teológicos e espirituais profundos.

A vida espiritual é a dimensão mais essencial da consagração religiosa, através da qual as religiosas descobrem sua identidade específica e permitem-se serem guiadas pelo dom carismático do Instituto. A formação religiosa, assim, promove uma espiritualidade que possibilita às Irmãs em formação a interiorização da experiência de Deus, através da oração pessoal, da celebração litúrgica, dos exercícios espirituais, das várias formas de ascese, etc. Esta formação está baseada, também, no estudo, na compreensão e na prática dos Conselhos Evangélicos, ou seja, aprender a assumir o Cristo, na sua pobreza, obediência e amor, a conhecer profundamente a espiritualidade, as regras e as Constituições do Instituto. Este processo dinâmico começa com a fase inicial da vida religiosa e continua para o resto da vida. A necessidade de um amadurecimento constante na experiência religiosa reforçada pela graça de Deus, empenho pessoal e determinação, exige que a formação seja contínua, portanto, a necessidade de formação permanente.

1.4 O desafio de serem autossuficientes

A vida religiosa nunca será efetivamente encarnada na África, a menos que as comunidades sejam organizadas de acordo com nossos próprios recursos e padrão de vida. Se de fato, desejarem parar de se identificar com as instituições estrangeiras importadas para os trópicos, que não podem sobreviver sem a ajuda do exterior, as mulheres religiosas africanas devem estabelecer suas estruturas e funcionar de acordo com suas possibilidades e capacidades locais⁹. Ao falar sobre esta síndrome na Igreja africana, que se aplica forçosamente às congregações religiosas, Uzuoku sublinha a dependência como uma atitude que mata a iniciativa e a criatividade, tornando a Igreja africana mais pobre: “Na verdade, a síndrome de dependência das Igrejas na África a nível material parece ser congênita. A dependência material deixa a estrada aberta à falta de criatividade e até mesmo à chantagem... o mendicante não tem nenhum respeito próprio. A autoconfiança das Igrejas na África e, de fato, para as nações africanas continuará sendo evasiva até que haja certo nível de confiança em nível material”¹⁰.

O verdadeiro pobre, no sentido evangélico, não é aquele que conta e está satisfeito com o que os outros lhe dão, mas sim, aquele que, através de seu próprio suor, ajuda a melhorar a sua condição e a dos outros. O trabalho, portanto, constitui uma parte integrante e essencial da pobreza cristã. São Paulo, diz: “Quando estávamos entre vocês, demos esta norma: quem não quer trabalhar, também não coma... Em nome do Senhor Jesus Cristo, pedimos a essas pessoas e mandamos que comam o próprio pão, trabalhando em paz.”

(2 Tessalonicenses 3,12). A história da vida religiosa confirma, extensivamente, como o trabalho sempre constituiu uma parte fundamental para cada retorno ao autêntico espírito do Evangelho. Os mosteiros da era medieval são um exemplo esplêndido de centros não só de oração, mas também de desenvolvimento e de cultura. Daí o lema dos Beneditinos: oração e trabalho.

A maioria das congregações africanas conta, essencialmente, com a ajuda externa para a sobrevivência. Algumas ainda consideram esta ajuda um direito inalienável. Embora eu, pessoalmente, aprecie o valor da colaboração e da solidariedade cristãs, sublinho, enfaticamente, o perigo da síndrome de dependência que caracteriza a vida religiosa na África. Isso não só afeta o estilo de vida, mas igualmente o futuro da vida religiosa neste continente; uma vez que este cordão umbilical será cortado, os resultados serão uma crise séria, com repercussões drásticas e dramáticas.

A dependência nos torna pobre em duplo sentido; pobre por causa de nosso contexto e acima de tudo devido à perda de identidade. Podemos continuar atraindo a simpatia dos outros, a fim de continuar a usufruir de seus recursos financeiros¹¹. Isso faz com que nossa pobreza seja absoluta e total; Quando as pessoas são despojadas de sua identidade, sua dignidade, pensamento, ambições e até mesmo do espírito de criatividade, afundam em um tipo de pobreza que não só abrange os bens externos ou posses, mas que toca no fundo do próprio ser, da essência e da dignidade da pessoa humana. Isto é o que Mveng se refere como “pobreza antropológica”¹².

1.5 Conclusão

A Igreja africana e a sociedade hoje olham, com expectativa esperançosa, para as mulheres religiosas em sua luta para compreender a sua verdadeira identidade e papel em meio a tantos desafios e dificuldades. Efetivamente, as mulheres religiosas africanas desejam, ardentemente, tornarem-se quem verdadeiramente são chamados a ser; mulheres africanas autênticas, consagradas e enviadas em missão para encarnar a mensagem do Evangelho em sua realidade sociocultural. Definitivamente, a África contemporânea precisa de mulheres religiosas que sejam uma personificação do amor apaixonado de Deus e a sua encarnação deste amor nas mais variadas situações da vida. Para isso, há a necessidade urgente de um tipo de formação que não distancie estas mulheres de sua cultura, mas antes disso, que as integre nela como sinais de esperança para seu povo. Desta forma a consagração religiosa, através da profissão dos conselhos evangélicos, terá impacto convincente e fecundo na sociedade africana caracterizada por tantas dificuldades e desafios.

- ¹ Cfr. S. SEMPORÉ, «Les Défis de la Vie Religieuse en Afrique: Eclairage Historique», in *Annales de l'Ecole Théologique Saint-Cyprien*, 17 (2005), p. 265.
- ² *Vita Consecrata*, n. 85.
- ³ Cfr. M. AZEVELLO, *Vocation for Mission: The Challenge of Religious Life Today*, Paulist Press, New York 1988. p. 142.
- ⁴ Cfr. *Vita Consecrata*, n. 73.
- ⁵ *Redemptoris Missio*, n. 42 & *Evangelii Nuntiandi*, n. 41.
- ⁶ Cfr. Cfr. LEON DE SAINT MOULIN (ed.) *Oeuvres Complètes du Cardinal Malula, Textes Concernant la Vie Religieuses*, Vol. 5, pp. 256-257.
- ⁷ Cfr. *Vita Consecrata*, n. 65.
- ⁸ Cfr. SACRED CONGREGATION FOR RELIGIOUS AND FOR SECULAR INSTITUTES, *Essential Elements in the Church's Teaching on Religious Life*, (31 May 1983), n. 45.
- ⁹ Cfr. N. MUGARUKIRO, «La Religieuse Africaine et l'Inculturation de la vie consacrée en Afrique Noire», in *Revue Africaine de Théologie*, 12 (1988), p. 134.
- ¹⁰ E. UZUKWU, *A listening Church: Autonomy and Communion in African Churches*, Orbis Books, Maryknoll (New York) 1996, p. 88.
- ¹¹ Cfr. G. NDONJI, «Le problématique de la pauvreté religieuse dans un contexte de misère sociale» in ASUMA – USUMA (ed.), *La Vie Consacrée dans l'Eglise di Congo: Bilans et Perspectives, Actes du Colloque National sur la Vie Consacrée en R. D. Congo*, Mediaspaul Publication, Kinshasa 2007, pp. 91- 92.
- ¹² E. MVENG, *Identità Africana e Cristianesimo*, Società Editrice Internazionale, Torino 1990, p. 100.

A AMIZADE ESPIRITUAL NA PERSPECTIVA DE GANDHI

P. Joy Kachappilly

Joy Kachappilly formou-se no Department of Inter-Religious Relations da Madurai Kamaraj University, na Índia. Atualmente ensina Missiologia e Teologia das Religiões no Sacred Heart Theological College, em Shillong.

Este artigo foi publicado na revista Mission Today, vol. XV, 2013 e na revista Omnis Terra, Janeiro 2014.

Original em Inglês

1. Gandhi e a amizade inter-religiosa

A existência de Mahatma Gandhi poderia ser considerada como um paradigma da amizade inter-religiosa. Ainda jovem, habitou-se a estreitar amizade até com pessoas pertencentes a religiões diferentes da sua. Embora tenha mantido tais laços de amizade com o espírito de um reformador, sucessivamente chegou a lastimar algumas destas relações. Por conseguinte, na sua *Autobiografia* ele questionava: “Um reformador não pode dar-se ao luxo de manter laços estreitos de amizade com a pessoa que ele tenciona reformar. A amizade autêntica é uma identidade de almas que raramente se encontra neste mundo. Uma amizade digna e duradoura só pode existir entre naturezas semelhantes. Os amigos reagem reciprocamente. Por isso, na amizade há pouco espaço para a reforma.”¹ Em seguida, afirmava que quantos desejam ser amigos de Deus devem permanecer sozinhos, ou então fazer do mundo inteiro um amigo.² Isto não significa que Gandhi era avesso às amizades, ou que não chegou a cultivar amizades genuínas.

É evidente que ele tinha uma predileção pelo hinduísmo, mas não era fanático. Como sincero investigador da verdade, indicava tempestivamente as posições que nele se acumulavam. Trata-se de “um organismo vivo, sujeito ao desenvolvimento e à decadência, submetido às leis da natureza... As mudanças de estação atingem-no... O hinduísmo é como o rio Ganges, puro e límpido na sua nascente, mas sujeito a acumular impurezas ao longo do seu curso”.³

A sua lealdade à verdade permitiu-lhe apreciar as demais religiões e

manter uma amizade autêntica com pessoas pertencentes a outras tradições religiosas. Para entender as demais confissões religiosas, Gandhi estudou as respectivas escrituras religiosas e os escritos dos grandes pensadores. Quando estava na prisão, lia os *Gita* de manhã e, na parte da tarde, o Alcorão numa sua tradução em inglês. E chegava a recorrer à Bíblia para ensinar a língua inglesa aos chineses cristãos, seus companheiros de prisão.⁴

Desde a sua infância, já se pode vislumbrar nele uma abertura e imparcialidade em relação às várias religiões e aos membros das demais tradições religiosas. Quando havia contendas entre os seus companheiros, o jovem Gandhi agia invariavelmente como pacificador. Jamais distinguia entre hindus, muçulmanos, parses e os fiéis pertencentes às outras religiões.⁵ Esta naturalidade não desapareceu nem sequer quando Gandhi viajou para a Inglaterra, em 1888, para estudar Jurisprudência. Durante a sua permanência no Reino Unido encontrou-se com dois irmãos teosofistas que o introduziram na literatura religiosa, como *Gita* e *The Light of Asia*. Manteve contatos inclusive com as senhoras Blavatsky e Besant, que o exortaram a entrar na sua sociedade teosofista.⁶

Além disso, alguns dos seus amigos cristãos introduziram-no na leitura da Bíblia. Os livros do Antigo Testamento não lhe inspiraram. Por outro lado, ficou bem impressionado com o Novo Testamento, de forma especial com o Sermão da Montanha, ou das Bem-Aventuranças, que permaneceu profundamente gravado na sua alma, chegando a compará-lo com o *Gita*. Aprendeu assim que a renúncia constitui o grau mais elevado da religião. Conheceu também o ateísmo, principalmente o de Bradlaugh, em relação ao qual nutria preconceitos, motivo pelo qual não se deixou encantar pelo mesmo.⁷

Exatamente enquanto os seus amigos cristãos procuravam atraí-lo ao cristianismo, os seus amigos muçulmanos, adulavam-no a fim de que estudasse o islão. “Como investigador da verdade, Gandhi apreciou tais esforços envidados em ordem a levá-lo à luz, obteve uma cópia da tradução do alcorão feita por George Sale, bem como outros livros sobre o islão, e leu tudo com profunda atenção e reverência”.⁸ Durante a sua permanência na África do Sul, a sua mente permaneceu sempre aberta à aceitação dos novos valores apresentados por outras tradições religiosas. Neste espírito, adotou o lema do mosteiro trapista de Pine Town, *Ora et labora*, quando decidiu fundar ermidas (“ashrams”) para oferecer abrigo aos Satyagrahis (investigadores da verdade). Sucessivamente, isto encarnou de maneira essencial o seu próprio credo: serviço a Deus através do serviço abnegado à humanidade.⁹

No entanto, todos estes contatos com diferentes religiões e os respectivos seguidores provocaram no seu íntimo um profundo conflito pessoal, levando-o a interrogar-se se devia converter-se a uma determinada religião, abandonando

a sua fé ancestral. Este conflito tinha duas dimensões: “Objetivamente, tratava-se de uma questão que se referia à condição de cada religião: qual era a religião verdadeiramente autêntica? Subjetivamente, referia-se à resposta que devia dar à pergunta: era de veras necessário converter-se a uma outra religião? Ambas estas interrogações estão profundamente ligadas entre si. Somente respondendo à primeira seria capaz de dar uma resposta inclusive à segunda”.¹⁰ Por conseguinte, como sincero investigador da verdade, Gandhi empreendeu um longo processo para resolver este conflito. E nesta empresa, pediu conselhos a Raychandbhai,¹¹ homem de negócios intimamente mergulhado em investigações divinas, que lhe sugeriu paciência e um estudo mais aprofundado do hinduísmo. Depois, recordou-lhe que antes de se converter a uma outra religião era necessário conhecer escrupulosamente o credo pessoal. Isto estimulou-o a estudar denodadamente não apenas o hinduísmo, mas também outras confissões religiosas, através da leitura de livros que tinha recebido dos seus amigos. Gandhi misturava o estudo das religiões com a recitação de preces nas quais pedia a Deus para ser iluminado na sua busca. Nisto, permanecia totalmente aberto à vontade divina. Certa vez escreveu: “Durante um período, lutei para descobrir qual era a verdadeira religião entre aquelas que eu conhecia. Para encontrar o meu caminho, confiei em Deus, suplicando a sua iluminação”.¹² Gandhi pôs em prática inclusive vários princípios aprendidos das várias confissões religiosas, como êxito do seu estudo. Tudo isto o ajudou a resolver o seu conflito interior, permanecendo sempre um bom hindu, amando e respeitando sinceramente, ao mesmo tempo, também as demais religiões e os seus respectivos seguidores.¹³

Graças a este conflito interior, suscitado pelos profundos contatos que manteve com numerosos fiéis de outras religiões, e à subsequente solução do mesmo, Gandhi tornou-se a pessoa mais tolerante de todas as tradições religiosas. Cultivou a amizade com pessoas pertencentes a diferentes religiões, recebendo delas conselhos para as suas labutas religiosas, políticas, sociais e financeiras. Uma vez escreveu: “Os meus amigos cristãos estimularam de tal modo a minha sede de conhecimento, que ela se tornou praticamente insaciável, e não me deixariam em paz mesmo que eu quisesse permanecer indiferente”.¹⁴ Por exemplo, reconhecia que durante a estada em Durban, a sua amizade com o senhor Spencer Walton manteve vivo o seu interesse pela religião.¹⁵ Charles Freer Andrews, missionário cristão britânico e reformador social na Índia, foi um grande amigo de Gandhi que, carinhosamente, lhe chamava “Fiel Apóstolo de Cristo”, inspirando-se nas iniciais do seu nome (“Christ’s Faithful Apostle”); Andrews era, talvez, a única das personalidades mais distintas que chamava Gandhi pelo seu primeiro nome, Mohan. De igual modo, através do seu ministério público, Gandhi conseguiu manter profundas relações com um elevado número de fiéis pertencentes a diferentes tradições religiosas.¹⁶

Também do ponto de vista filosófico, a sua aceitação da doutrina de Advaita¹⁷ ajudou Gandhi a procurar e promover a harmonia entre as religiões. Nela inspirado, defendeu a unidade essencial entre Deus e os seres humanos. Reconhecendo a paternidade universal de Deus, a única fonte divina da criação do universo, Gandhi conseguiu construir a fraternidade universal de toda a humanidade, dado que todos os seres humanos são filhos de um único Pai, a derradeira Realidade. Isto permitiu-lhe entrar em íntima comunhão com pessoas de diferentes culturas, credos, costumes, línguas, raças, etc., desenvolvendo uma perspectiva católica em relação a todos e cada um.

Além disso, enquanto indiano, Gandhi considerava-se herdeiro privilegiado das diversas religiões e tradições culturais da sua pátria, a Índia. Como ser humano, reconhecia que todas as grandes religiões faziam parte da sua herança espiritual, à qual sentia que tinha tanto direito quanto os seus seguidores nativos. Permaneceu firmemente enraizado na sua própria tradição, sentindo-se livre de haurir inspiração dos seus recursos morais e espirituais. É supérfluo recordar que as amizades inter-religiosas, por ele cultivadas, o ajudaram neste processo. Para expressar a ideia de arraigamento e abertura, recorria com frequência a uma metáfora: viver numa casa, mas manter as janelas escancaradas. A sua casa estava protegida por muros que lhe davam um sentido de segurança e enraizamento, mas mantendo as janelas abertas de par em par, permitia que os ventos culturais de todas as direções soprassem, enriquecendo o ar que ele respirava.

2. Amizades inter-religiosas e harmonia religiosa

Depois de mencionar a perspectiva de Gandhi sobre a amizade inter-religiosa, é óbvio que a amizade pessoal para além dos confins religiosos de cada um pode ser reconhecida como um importante modo de instilar a harmonia religiosa. Em tais amizades aprendemos a comunicar uma religião ao próximo como estilo de vida, e não tanto como um conjunto de credos, rituais ou simples prescrições morais. “A amizade faz surgir na religião a confiança pessoal, insinuando que a identidade religiosa não é só uma questão de histórias, tradições e práticas de cada um, mas que se desenvolve também no contexto mais amplo das relações interconfessionais”.¹⁸

Além disso, segundo o significado etimológico da palavra *religião*, pode-se afirmar naturalmente que se trata de um elemento que une as pessoas, e não que as separa.¹⁹ Ela une um grupo através de um vínculo, de uma fé profunda num Deus vivo, visto como seu Criador, protetor e meta derradeira. As Escrituras, os mitos e os rituais não somente ajudam a preservar tal credo, mas também unem as pessoas entre si. Considerando os diversos credos, códigos e cultos, existe uma variedade de religiões no mundo. Se os seguidores de tais religiões se unissem em amizade recíproca, seria possível aos membros

das várias confissões religiosas ajudar-se uns aos outros como amigos, para viver como filhos do mesmo Pai que está nos Céus.

Pois bem, já a partir de Aristóteles, o ser humano define-se como animal racional.²⁰ Em síntese, a diferença entre o ser humano e o animal é a racionalidade. Infelizmente, os seres humanos conseguem abusar da faculdade da razão conferida por Deus, rebaixando-se ao extremo de uma vida animal. Além disso, a razão fracassa com frequência na hora de convencer as pessoas acerca de certas verdades fundamentais, como a existência de Deus. Por isso, devemos ter em consideração outros indicadores que descrevam melhor o ser humano, como os ideais de fé, perfeição, transcendência, nobreza, etc. Eles não somente podem ser encontrados nas diversas religiões mas, com efeito, realizam-se graças a elas e nelas. Identificando e promovendo estes valores, as religiões e os seus seguidores podem trabalhar em conjunto, fomentando a concórdia e a boa vontade entre os diferentes grupos de pessoas.

Conclusão

A amizade inter-religiosa pode inspirar a harmonia religiosa, particularmente onde existe uma rivalidade religiosa intensa e difundida, inculcando o medo e a brutalidade entre os fiéis de outras confissões religiosas com a falsa persuasão de salvaguardar assim os valores do seu próprio credo. Como ávido propagador da harmonia entre as religiões, Gandhi alcançou esta meta recorrendo a todos os meios possíveis, inclusive à amizade entre as religiões. Quando as modernas formas de cruzadas e *jihads* erguem a sua cabeça hedionda, comprometendo o equilíbrio do tecido social, é imperativo que todas as religiões se unam e animem os seus seguidores a cultivar a amizade acima de todos os confins. Isto pode suscitar o tão almejado respiro de que necessitam as sociedades angustiadas pela hostilidade causada em nome da religião.

1 M. K. GANDHI, *An Autobiography (The Story of my experiments with truth)*, trad. Mahadev Desai, obra reeditada em 1996 (Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1927) 16. Doravante, citada como: GANDHI, *Autobiography*.
2 Gandhi, *Autobiography*, pág. 16.
3 *Collected Works of Mahatma Gandhi*,

vol. 29, págs. 443-444, citado por Sushila Nayar, *Mahatma Gandhi, Salt Satyagraha-The Watershed*, vol. 6 (Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1995), pág. 24.
4 Louis FISCHER, *The Life of Mahatma Gandhi*, págs. 79-80, citado por Sushila Nayar, *Mahatma Gandhi-Satyagraha at*

Work, vol. 4 (Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1989), pág. 188.

- 5 Pyarelal, *Mahatma Gandhi-Early Phase*, vol 1, obra reeditada (Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1986), pág. 198. Doravante, citada como: Pyarelkal, *Early Phase*.
- 6 Com efeito, Gandhi declinou o convite a entrar na sociedade teosofista, alegando a desculpa de que o conhecimento da sua própria religião ainda era muito limitado. Não obstante isto, foi o livro da senhora Blavatsky, *Key to Theosophy*, que o levou a ler várias obras sobre o hinduísmo, libertando-o do preconceito contra esta religião, favorecido também por missionários cristãos.
- 7 GANDHI, *Autobiography*, págs. 57-59.
- 8 Pyarelal, *Early Phase*, pág. 327.
- 9 Pyarelal, *Early Phase*, pág. 546.
- 10 A. PUSHPARAJAN, "Resolution of an Inter-Personal Conflict in a Multi-religious Context" (Madurai: Unpublished article), pág. 7.
- 11 Para uma descrição detalhada a propósito de Raychandbhai, cf. GANDHI, *Autobiography*, págs. 73-75.
- 12 *Young India*, 6 de fevereiro de 1925, 273.
- 13 É o próprio Gandhi quem narra este conflito, na sua *Autobiography*, cf. GANDHI, *Autobiography*, págs. 113-115.
- 14 GANDHI, *Autobiography*, pág. 132.
- 15 GANDHI, *Autobiography*, pág. 132.
- 16 Eli Stanley Jones, missionário cristão metodista; Herman Kallenbach, alemão judeu da África do Sul; Madeline Slade, conhecida posteriormente como Mira Bahn; Louis Fischer, jornalista norte-americano; Richard B. Gregg, filósofo social norte-americano e pacifista; Horace Alexander, professor e escritor quacre inglês, pacifista e ornitólogo; Joseph J. Doke, ministro batista, autor da sua primeira biografia; Henry S. L. Polak, amigo judeu, colaborador de Gandhi na África do Sul; Sonya Achlesin, judia que foi sua secretária na África do Sul; Maulanja Azad, muçulmano indiano, defensor da liberdade; Zakir Hussain, muçulmano partidário da educação baseada nos valores, em sintonia com Gandhi, e mais tarde Presidente da Índia; e Khan Abdul Ghujjar Khan, discípulo muçulmano de Gandhi, que se opôs ao governo britânico na Índia e de igual modo à divisão do subcontinente. Eis uma breve lista dos amigos de Gandhi, que pertenciam a religiões diferentes da sua.
- 17 Advaita é considerado o mais influente e preponderante ramo da escola Vedanta da filosofia indiana. O seu principal defensor foi Adi Sankara. A filosofia de Advaita pode ser resumida brevemente nestes termos: Brama é a única verdade, o mundo espaço-temporal é uma ilusão e, em última análise, não existe qualquer diferença entre Brama e o próprio indivíduo.
- 18 Alan RACE, *Interfaith Encounter: The Twin Tracks of Theology and Dialogue* (London: SCM Press, 2001), pág. 7.
- 19 Etimologicamente, questiona-se sobre o significado da palavra latina *religio*, da qual procede o vocábulo *religião*. Alguns dizem que deriva de *religare* (atar, unir, reter), de tal modo que quantos estão unidos (*religati*) a Deus através do vínculo da religião são considerados religiosos. Outros, por sua vez, afirmam que deriva de *relegere* (venerar), de tal forma que quantos se interessam atenta e solicitamente de tudo o que diz respeito ao culto de Deus são chamados *religiosos*. Os pensadores modernos tendem a aceitar e combinar ambos estes significados, entendendo assim a religião como algo que une as pessoas mediante o compromisso com um Deus pessoal. Cf. Varghese Palatty Koonathan, *The Religion of the Oraons: A Comparative Study of the Concept of God in the Sarna Religion of the Oraons and the Christian Concept of God* (Shillon: Don Bosco Centre for Indigenous Cultures, 1999), pág. 3; J. Goetz, "Religion", *New Catholic Encyclopedia*, vol. 12 (Washington: The Catholic University of America, 1967), pág. 240; M. Muller, *Natural Religion* (New Delhi: Asian Educational Services, 1979), págs. 33-34.
- 20 Animal racional é uma definição clássica do ser humano. Embora se pense que tenha sido citada pela primeira vez na obra de *Metaphysics*, na realidade Aristóteles não a cita nesta sua obra. Em *Nicomachean Ethics I*, 13, Aristóteles afirma que o ser humano possui um princípio racional. Contudo, a definição de *humano* como animal racional era

comum na filosofia escolástica. Na *Meditation 2* das *Meditationes de Prima Philosophia*, Descartes considera e sucessivamente rejeita o conceito de animal racional. Tendo chegado à sua célebre máxima: “Penso, portanto existo”, Descartes interroga-se a respeito do ser humano. “No entanto, o que é o homem? Devo dizer que se trata de um animal racional? Sem dúvida, não, pois seria necessário continuar a perguntar o que significa animal, e o que significa racional,

e deste modo, de uma única questão deslizo quase insensivelmente para outras, e as segundas mais difíceis do que a primeira”. René Descartes, *“Meditation 2: Of the Nature of the Human Mind and that it is more easily known than the Body”*, *Meditations on First Philosophy* Trad. John Veith (The Classical Library, 2001), para 5. <http://www.classicallibrary.org/descartes/meditations>; consultado el 25 de agosto 2012.)

A VIDA NA UISG

O símbolo de uma encruzilhada é muito prático para tentar descrever a vida e atividades da UISG. Aqui na UISG nós facilitamos e participamos de vários tipos de conversações e atividades. Tentamos reunir as vozes e experiências de mulheres religiosas do mundo inteiro, colocando-as em diálogo com diferentes grupos num contexto de Igreja e de mundo, em Roma e em qualquer outro lugar. Quanto mais os membros da UISG e as delegadas das 39 Constelações da UISG se comunicarem conosco aqui em Roma, tanto mais eficaz pode tornar-se. Eis aqui, um pouco do sabor de algumas conversações e atividades recentes nas quais a UISG tem se engajado.

Ano da Vida Consagrada: Em preparação para o Ano da Vida Consagrada, aconteceram muitos encontros com a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Vocês já devem ter recebido as informações sobre a programação de eventos prevista a serem realizados em Roma e as sugestões oferecidas para as atividades a nível nacional. O tema **Evangelho, Profecia, Esperança** expressa os valores fundamentais da vida consagrada. Talvez uma atividade que os membros da UISG, em todo o mundo, poderiam assumir é a exploração do significado do logotipo. Ele oferece uma oportunidade para descobrir o significado da vida religiosa hoje na Igreja e no mundo. Podemos refletir sobre os vários elementos apresentados pela artista Carmela Boccasile. Para retratar uma pomba que sobrevoa o mar, adota um estilo de linha, cujo contorno assemelha-se à palavra árabe “paz”. O que quer transmitir o mosaico de tijolos azuis com diversas formas e padrões? Como interpretar as três estrelas e a forma geométrica multiforme? À medida que vocês respondem aos apelos do Espírito, no Ano da Vida Consagrada, quais são as interpelações para a vida religiosa contidas neste logo, a partir da vida religiosa consagrada vivida no seu país, com seu contexto social, cultural e religioso específico?

Talitha Kum: Nós agradecemos imensamente à Irmã Estrella Castalone, FMA, pelos quatro anos de serviço prestados como coordenadora da Talitha Kum. Irmã Estrella retornará às Filipinas e sua posição foi assumida por Irmã Gabriella Bottani, CMS, (que até recentemente coordenou a rede “Um Grito Pela Vida” – Brasil). Assumiu esta importante função em janeiro de 2015. No início de outubro, Irmã Estrella viajou aos Estados Unidos para palestrar numa Conferência organizada pelas Irmãs Americanas Católicas contra o Tráfico Humano (USCSAHT). Como resultado a Conferência das Irmãs Americanas contra o Tráfico Humano - USCSAHT – tornou-se o mais novo membro da rede Talitha Kum. Outro membro novo da organização é aquele da NZRATH (Religiosas da Nova Zelândia contra o Tráfico de Seres Humanos). A crescente expansão de nossa rede internacional continua a fortalecer nossa influência e a nossa eficácia como religiosas na luta contra este fenômeno mundial. A coordenação da Talitha Kum é regularmente contatada por várias Embaixadas para a Santa Sé e outras organizações/fundações, a fim de fornecer informações atualizadas sobre as

atividades das Irmãs em todo o mundo contra o tráfico de seres humanos.

Dia Mundial de Oração na Festa de Santa Santa Bakhita – 8 de Fevereiro de 2015. Recentemente, Irmã Eugenia Bonetti, que é presidente dos Escravos não Mais Onlus, na Itália (<http://www.slavesnomore.it>), e tem trabalhado contra o tráfico de pessoas humanas por 20 anos, solicitou ao Vaticano para declarar a Festa de Santa Bakhita um dia universal de oração para as vítimas do tráfico. O Vaticano, por sua vez, solicitou à UISG, através das redes Talitha Kum, que promovam esta iniciativa. Outras organizações foram convidadas para participar da promoção deste dia de oração. Os materiais estão sendo preparados e pedimos a todas as associadas da UISG para tornar esta iniciativa conhecida por suas próprias congregações e serviços.

ACWECA Assembleia na Zâmbia: Em Agosto, a Secretária Executiva da UISG, Ir. Patricia Murray, ibvm, participou da 16ª Assembleia Geral da ACWECA – Associação das Mulheres Religiosas da África Central e Oriental - que aconteceu em Lusaka. A ACWECA abrange um grupo de 9 Associações nacionais de Irmandades na África Central e Oriental. Como tal, ela conta com mais de 20.000 membros e procura sustentar o impacto espiritual e pastoral das Irmãs na Região. Entre os muitos resultados da reunião estão o compromisso de capacitar as Irmãs no campo da direção espiritual, do direito canônico e no contínuo esforço em desenvolver habilidades de liderança. As participantes também reconheceram a necessidade de afirmar e integrar os muitos elementos positivos da cultura que podem ajudar a fortalecer a identidade africana na vida religiosa. Após várias apresentações excelentes sobre o Islã, as Irmãs comprometeram-se a prosseguir com o empenho de construir relações com a Comunidade através do diálogo inter-religioso. As respostas regionais ao flagelo do tráfico foram compartilhadas e proclamou-se um compromisso de trabalhar para acabar com o tráfico de seres humanos. Os membros da ACWECA também se conscientizaram da necessidade de criar uma permanente solidariedade com as Irmãs na Etiópia, Eritreia, Sudão e Sul do Sudão.

Regina Mundi na Diáspora: Estamos contentes de anunciar que a UISG e a ACWECA receberam uma doação financeira para fornecer 4 bolsas de estudo para as Irmãs da Região da ACWECA para estudar Direito canônico na CUEA (Universidade Católica da África Oriental). Os detalhes destas bolsas de estudo especiais serão anunciados em breve e elas serão administradas dentro do programa Regina Mundi na Diáspora. O Formulário de requerimento deste Recurso Anual Regina Mundi na Diáspora, para estudos teológicos, encontra-se neste boletim.

As Reuniões de Novembro do Conselho das 16 e do Conselho das 18: A avaliação recebida pelas delegadas da UISG no início deste ano tem sido muito útil. O Conselho das 16 continua a discutir a revisão do documento *Mutuae Relationes*. No Conselho das 18, quatro Superiores Gerais fizeram colocações

breves – a partir das perspectivas da África, Ásia, Américas e Oceania - sobre o seguinte tema:

Como pode o meu Instituto/sociedade religiosa desenvolver e aprofundar uma consciência missionária mais robusta e zelo para a Missão ad Gentes? Como pode ajudar as Igrejas locais jovens e Institutos de Vida consagrada de direito Diocesano a fazer o mesmo? Quais são alguns dos desafios e obstáculos encontrados? Quais são as conquistas?

Estas são perguntas que poderiam ser úteis para a reflexão pelos diferentes níveis de liderança nas Congregações religiosas.

Reunião do Conselho das Delegadas: Foi com grande pesar que o Conselho de Administração da UISG tomou a decisão de cancelar a reunião em Acra, Gana. Devido à presença de ebola na região, os governos, médicos e outros estavam aconselhando para não viajar e a mídia internacional aumentava o temor pela doença. A Comissão em Gana, liderada pela Irmã Alice Mathilda Nsiah tinha feito um trabalho extraordinário de preparação e nós, em nome de todas as delegadas da UISG, agradecemos, reconhecendo a decepção que esta decisão deve ter causado. O encontro agora acontecerá em Nemi (Roma), no Centro Ad Gentes, que é coordenado pelos SVD, de 4 a 11 de fevereiro. Este encontro vai ajudar a UISG a determinar a melhor maneira de fortalecer sua eficácia de trabalho em rede.

Reunião dos doadores: A Secretária Executiva recentemente facilitou uma reunião em Amsterdã dos doadores internacionais que financiam a educação de Irmãs na África em muitos níveis diferentes. Esta foi a primeira reunião desta natureza e possibilitou aos doadores o compartilhar informações sobre as diversas oportunidades educacionais oferecidas às Irmãs na África. Até à data do financiamento, foram investidos recursos na formação inicial e permanente, nas habilidades e desenvolvimento de liderança, na capacitação nas áreas de administração e gestão financeira. As verbas tornaram possível a preparação de Irmãs para vários serviços no campo educacional e da saúde, bem como na área do desenvolvimento pastoral, social e comunitário. A liderança dentro das Congregações foi grandemente aprimorada pela educação das Irmãs em Teologia, Espiritualidade, Direito Canônico e funções de Formação, fundamental para as Congregações. A gratidão foi expressa aos doadores pelo suporte financeiro e outros apoios que permitiram às Irmãs o fortalecimento de seu compromisso como religiosas e o envolvimento em ministérios que vão ao encontro das necessidades daqueles que são mais necessitados.

O Sínodo sobre a Família: Irmã Margaret Muldoon, ex-Superiora Geral das Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, foi a única Irmã convidada a participar da primeira fase do Sínodo sobre a família – chamado de Sínodo Extraordinário. O próximo boletim da UISG publicará um relatório de sua experiência e reflexões sobre o evento.